

As narrativas visuais sobre a Guerra do Paraguai no *Diabo Coxo**

The visual narratives on the War of Paraguay in *Diabo Coxo*

Sandra de Cássia Araújo Pelegrini

Docente do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Pós-Doutora em Patrimônio Cultural, UNICAMP (2007). Doutora em História Social, USP (2000). Mestre em História e Sociedade, UNESP (1993).

Danilo Aparecido Champan Rocha

Doutorando em História, UEM. Mestre em História, UEM (2017). Graduado em História, UEM (2015).

RESUMO

A Guerra do Paraguai ocorrida entre 1864 e 1870 intensificou os problemas sociais, políticos, culturais e econômicos latentes no Segundo Reinado de D. Pedro II. Para observarmos a concepção de determinados segmentos sociais liberais do Brasil Império sobre o início do confronto militar, a preparação política no recrutamento e no alistamento, a organização administrativa e estrutural do Exército, a identidade nacional e o dever cívico, utilizamos como fonte primária o periódico *Diabo Coxo*, publicado em São Paulo entre 1864 e 1865. As caricaturas difundidas no periódico paulistano narraram para aquela sociedade, majoritariamente analfabeta, as principais ações militares, os desafios enfrentados no *front*, as medidas políticas e administrativas do governo central e local brasileiro perante as investidas paraguaias, o que constitui um importante objeto de estudo para compreender os embates discursivos e as condições vivenciadas pelos diferentes grupos sociais no decorrer da guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra do Paraguai; *Diabo Coxo*; Angelo Agostini

ABSTRACT

The War of Paraguay between 1864 and 1870 intensified the social, political, cultural and economic problems latent in the Second Reign of D. Pedro II. To observe the conception of certain liberal social segments of Brazil Empire on the beginning of the military confrontation, the political preparation in the recruitment and in the enlistment, administrative and structural organization of the army, national identity and civic duty, we used as a primary source the magazine *Diabo Coxo*, published in São Paulo between 1864 and 1865. The caricatures published in the newspaper of São Paulo narrated to that society, mostly illiterate, the main military actions, the challenges faced at the *front*, the political and administrative measures of the Brazilian central and local government vis-à-vis the Paraguayan invaders, which constitutes an important object of study to understand the discursive attacks and the conditions experienced by the different social groups in the to run of war.

KEYWORDS: War of Paraguay; *Diabo Coxo*; Angelo Agostini

* Artigo recebido em 16 de maio de 2018 e aprovado para publicação em 04 de junho de 2018.

A GUERRA DO PARAGUAI NO LÁPIS E NA PENA DO *DIABO COXO*

No século XIX, a imprensa foi o principal meio de comunicação e de mobilização da opinião pública no Brasil Império. Por isso, ao deflagrar o conflito bélico com o Paraguai (1864-1870), o suporte midiático atuou como difusor de valores nacionalistas em prol da campanha militar brasileira ou como principal mecanismo de denúncia da corrupção e dos abusos ocorridos no processo de recrutamento, cada discurso condicionado aos interesses políticos de seus redatores perante o governo central e local. Nesse sentido, para observarmos a concepção de determinados segmentos sociais liberais do Segundo Reinado sobre o início do confronto militar, a preparação política no recrutamento e no alistamento, a organização administrativa e estrutural do Exército, a identidade nacional e o dever cívico, utilizamos como fonte primária o periódico *Diabo Coxo* (1864-1865), editado por Luiz Gama e ilustrado pelo caricaturista Angelo Agostini.

O *Diabo Coxo* possuía oito páginas, divididas em quatro folhas ilustradas (a capa, a contracapa, a quarta e a quinta capas) e quatro textuais, de conteúdo variado, publicado semanalmente aos domingos, com assuntos referentes aos recentes acontecimentos da capital paulista, sede da redação, além da divulgação de eventos culturais disponíveis para o lazer do “homem culto” na província e na corte, das medidas políticas discutidas nos periódicos da região e na Câmara Municipal, entre outros temas. Obviamente, por projetar-se como progressista e civilizado atento às novidades, a problemática da Guerra do Paraguai foi recorrente nos números dos semanários conforme o conflito se desdobrava e as caricaturas do piemontês Agostini nararam para aquela sociedade, majoritariamente analfabeta, as principais ações militares, os desafios enfrentados no *front*, as medidas políticas e administrativas do governo central e local para responder às investidas paraguaias, a penúria dos soldados assolados por epidemias e falta de equipamentos até chegar à linha de frente e criticar os líderes militares e políticos

considerados os responsáveis pela lentidão e a incapacidade das tropas brasileiras de finalizar o conflito bélico.

Apesar de situarmos o *Diabo Coxo* como dissidente da imprensa oficial, produzido por liberais não assentados na base conservadora do governo central, o discurso dos redatores reproduziu em grande parte o apelo patriótico de D. Pedro II. Solano López, presidente do Paraguai durante o confronto bélico, foi retratado pela revista como “bárbaro” e a folha exigia dos cidadãos o empenho na causa da guerra. No entanto, manteve a sua postura crítica diante das arbitrariedades cometidas no recrutamento e na corrupção de oficiais ou políticos no alistamento dos “voluntários”.

A ameaça do “outro”, republicano e “bárbaro”, antes confrontado no campo das ideias¹, assumiu uma corporeidade com a agressão paraguaia. A percepção dos soldados brasileiros enquanto portadores de uma cultura e língua distinta dos demais países implicados nas disputas pelo Rio da Prata corroborou para a visão eurocêntrica do Estado monárquico e na constituição identitária, concepções praticamente inexistentes no início da Guerra do Paraguai (1864-1870)². A fronteira “nós” e o “outro”, tênues na prática pela presença de negros, libertos, indígenas, mestiços e brancos em ambos os Exércitos³, foram delimitadas e reforçadas pelo discurso oficial propagado nos jornais paraguaios e brasileiros.

A produção de sistemas de representações na imprensa ilustrada do Paraguai e do Brasil ao longo da guerra destacava, a partir da animalização e da desumanização calcada no preconceito racial, a selvageria e a impossibilidade de dialogar racionalmente com o país beligerante inimigo. As construções imagéticas das “gentes estranhas” e “indígenas” dos soldados paraguaios construídas pelos jornais brasileiros foram contrapostas pela figura dos “macacos afeeminados e covardes” que compunham as tropas imperiais⁴. Na revista ilustrada paulistana, Luiz Gama e Angelo Agostini adotaram parcialmente essa visão estereotipada ao concentrar suas críticas na pessoa e na postura do Presidente López, sem abordar o povo paraguaio como um todo.

No *Diabo Coxo*, em sua primeira série (12 números), produzida entre 2 de outubro e 25 de dezembro de 1864⁵, período no qual a guerra não havia ainda sido declarada, o Estado e a defesa nacional brasileira foram retratados em uma situação caótica e fragilizada, condição decorrente da ineficiência do aparelho político e de seus líderes em tomar decisões em prol da modernização da sociedade. Em duas caricaturas, produzidas em momentos distintos por Agostini, ficaram evidentes a crítica da revista sobre o despreparo e a vulnerabilidade do Brasil perante a ameaça externa de invasão paraguaia. O ultimato enviado pelo governo paraguaio em 30 de agosto alertava o Estado brasileiro para uma invasão guarani caso continuasse intervindo na política local do Uruguai⁶. Porém, a Corte no Rio de Janeiro não considerou a ameaça. O semanário, apesar de não citar o Paraguai, alarmava a população para a precariedade do Exército e sua incapacidade para garantir a segurança nacional.

dos temas pleiteados foi a defesa nacional. No quadro seguinte, a linguagem verbivisual da caricatura ridicularizou o Exército e a força bélica brasileira ao representar a defesa nacional sem o mínimo de estrutura para garantir a segurança do País. A queixa de um dos soldados no primeiro plano sobre a impossibilidade de armar a artilharia devido ao tamanho incompatível do projétil foi suplantada pela afirmativa de seu companheiro de também não possuírem pólvora e nem eles mesmos serem artilheiros. A relação intraicônica dos interlocutores demonstra a surpresa do primeiro diante da resposta e a irritação do segundo pelas circunstâncias.

A deformação do tamanho das peças de artilharia reforça a intenção de Agostini em demonstrar a fragilidade do Poder Militar brasileiro. A recusa no uso da perspectiva na representação das bocas de fogo, desenhadas desproporcionalmente abaixo do joelho dos homens, destaca como as armas bélicas eram inofensivas e ultrapassadas.

O soldado irritado, sentado em cima de uma das peças, demonstra a inutilidade do equipamento transformado em assento e também enfatiza o desânimo decorrente da situação caótica das Forças Armadas.

Mais ao fundo, outro soldado observa por cima de uma barreira o horizonte, sem nenhum armamento, como se aguardasse passivamente os desdobramentos das divergências

entre o Paraguai e o Brasil. Na parte superior esquerda da composição, na mesma direção do olhar do defensor desarmado, é possível observarmos três mastros, uma provável retratação de embarcações e tropas inimigas próximas às fronteiras brasileiras e prestes a atacar. Assim, a caricatura



Figura 1 – A defesa nacional

Fonte: *Diabo Coxo*, São Paulo, nº 4, 1864, ano I, p. 47

No primeiro quadro da Figura 1, apesar de não debater e aprofundar a discussão nas demais páginas do número, Agostini provavelmente ilustrou uma reunião popular na câmara local, evento comum na capital para debater os principais problemas na província e, pela divisão intericônica da imagem, um

do piemontês parece alertar a população e as Forças nacionais para o perigo do inimigo à espreita e a condição precária do Exército Brasileiro.

O pessimismo do segundo soldado reproduziu a opinião velada dos redatores sobre a incapacidade e a ineficiência do Estado em garantir a segurança, reflexo do “atraso civilizatório” das instituições vigentes. Na segunda caricatura (Figura 2), publicada em dezembro, no mesmo mês do início da guerra, o comentário irônico feito pelo personagem símbolo do *Diabo Coxo* expressou nitidamente a concepção da folha sobre a

decadência do Exército. Provavelmente, a mudança de um posicionamento implícito para uma crítica aberta foi provocada pela urgência do Estado em adotar medidas perante a eminência do conflito.

A contradição entre a frase dita pelo diabo e a postura desajeitada do soldado é o gatilho para o riso do leitor. Na legenda, em tom de zombaria, o personagem símbolo ironizou ao exclamar a qualidade do defensor da Pátria, retratado no ridículo de sua aparência. A arma de cano longo posicionada na vertical à frente do praça, utilizada para apoiar suas mãos, contrasta e realça

a posição corporal sinuosa dos pés à cabeça do guarda. A estatura física franzina e a feição facial de um homem na meia-idade não apresentam o vigor necessário a um combatente, o que novamente ressalta a fragilidade e o despreparo da defesa nacional.

Logo após o término do último número da primeira série, as tropas paraguaias invadiram a Província do Mato Grosso, agressão não registrada pelo *Diabo Coxo*. No ano seguinte, durante a circulação da segunda série do periódico⁹, o tema recebeu atenção privilegiada e em cada número eram atualizadas as principais notícias do *front*. A invasão de López foi considerada pelos redatores como uma ofensa ao orgulho nacional e apenas a vitória devolveria a honra ultrajada. Em seu primeiro número, ao discutir sobre a guerra, novamente, os redatores ressalta-

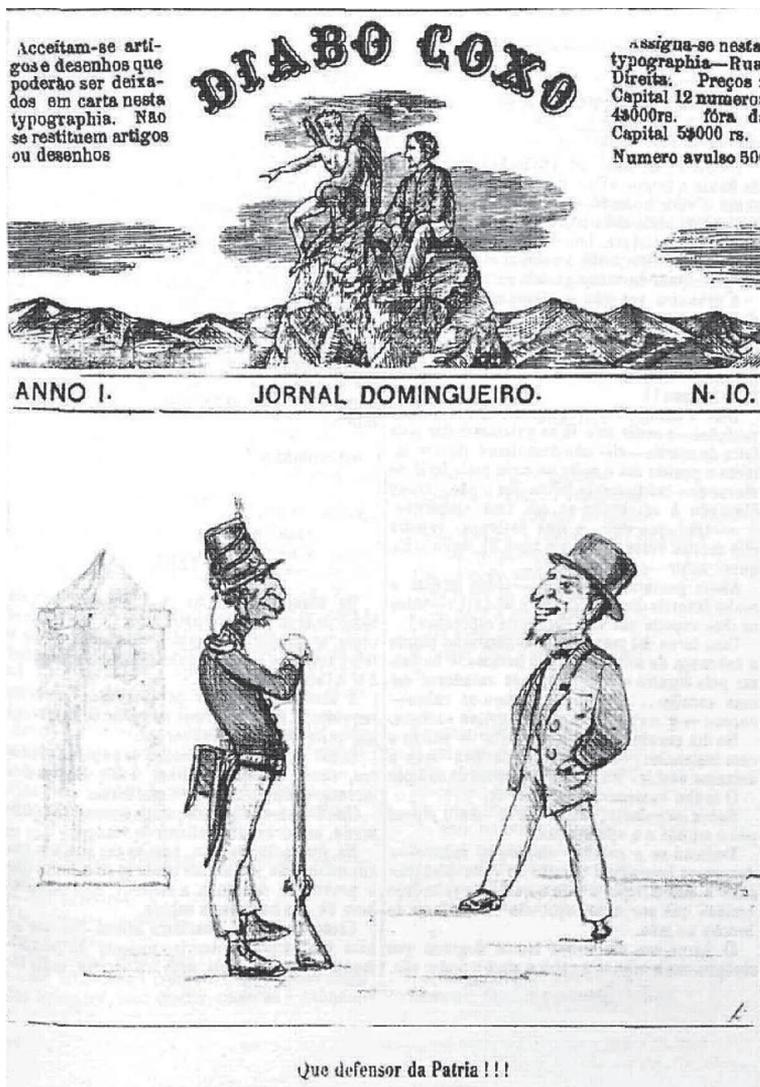


Figura 2 – O defensor da pátria!

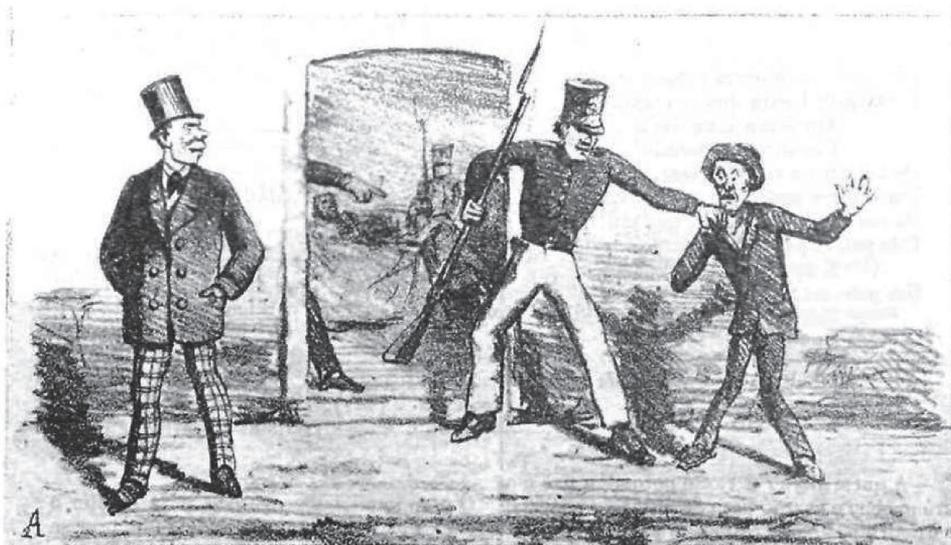
Fonte: *Diabo Coxo*, São Paulo, nº 10, 1864, ano I, p. 1⁸

ram a incompetência das lideranças políticas paulistas em coordenar os preparativos e o envio de tropas para expulsar os agressores. Segundo o semanário, o treinamento prolongado das tropas em São Paulo e a hesitação para encaminhar o batalhão à guerra demonstravam a falta de competência e comprometimento do governo local na causa nacional.

O problema endêmico da política no âmbito militar desestimulou os ânimos patrióticos suscitados no início do conflito armado, com a guerra interpretada como uma oportunidade de benefício particular¹⁰ ou como algo negativo. A nomeação de nobres nos elevados cargos do oficialato, sem o conhecimento necessário para assumir tal função, retardava a organização das Forças Militares para responder à agressão paraguaia. Além disso, uma vez no cargo, as autoridades políticas e o chefe de polícia deveriam tomar decisões de acordo com os interesses da base social responsável por sua nomeação. O recrutamento, atribuição dos delegados e subdelegados, correspondeu a esses anseios e às arbitrariedades cometidas receberam atenção privilegiada no *Diabo Coxo*, como podemos verificar na Figura 3.

A corrupção de oficiais no recrutamento para proteger os cidadãos vinculados a uma rede de clientelismo foi comum durante a Guerra do Paraguai. Inconformados com tais práticas, o *Diabo Coxo* denunciou inúmeras vezes as isenções indevidas, o recrutamento de homens dispensados legalmente, a falta de critério físico na convocação de novos praças e os "leilões" para substitutos. O número insuficiente de Voluntários da Pátria forçou o governo central a aprovar um decreto para o recrutamento obrigatório de Guardas Nacionais. Segundo a deliberação, cada província disponibilizaria um número proporcional de guardas correspondente à sua Força Militar, o que causou forte insatisfação nas autoridades locais¹². A "milícia cidadã", composta por homens de famílias notáveis, não desejava em sua maioria engrossar as frentes de combate e uma das formas de boicotar o recrutamento se deu mediante a apresentação de um "substituto" para ingressar no Exército em seu lugar.

A caricatura acima retratou de forma condensada os interesses particulares implícitos no momento da apreensão de um homem pela Guarda Nacional. Ao dirigir-se



- Marche para o quartel. sr. malandro.
- „Pelo amor de Deos, sr.; leve antes aquelle surrão de saude, que mofa do governo e da lei.
- Aquelle foi declarado incapaz de servir e v. mc. não.

Figura 3 – Os acordos de dispensa militar
Fonte: *Diabo Coxo*, São Paulo, nº 7, 1865, ano II, p. 04¹¹

para o homem como vagabundo, a fala do guarda evidenciou uma das justificativas comuns para o recrutamento. A vadiagem, assim como os crimes em geral, foi um dos critérios utilizados na extração de recrutas para o Exército. A função de controle social das Forças Armadas, com seus castigos físicos e uma condição de vida degradante, apesar de atenuada pela forte demanda para atrair e alargar as fileiras durante a Guerra do Paraguai, ainda conservou sua relação repressiva sobre os pobres e a sua imagem negativa perante a sociedade. Tanto na Argentina quanto no Brasil, a inserção nas Forças Armadas era considerada uma forma de punição até o início da guerra contra o Paraguai, com seus soldados recrutados à força e suas condições de vida comparáveis a dos escravos ou presidiários, imaginário que contribuiu para o boicote no alistamento dos homens "notáveis". No entanto, no Paraguai, o militar foi considerado o modelo de virilidade a ser adotado por todos os homens, concepção responsável pela participação quase total da população masculina guarani¹³.

Na Figura 3, o homem recrutado, representado como de origem humilde pelo chapéu e a falta de detalhes em seus trajes, mostra-se espantado com a situação e indica um homem "surrão de saúde" para substituí-lo. A atenção dada aos detalhes do traje do homem a esquerda, a calça xadrez, os efeitos de sombra e luz sobre a cartola e o casaco¹⁴ destacam a figura no primeiro plano e estabelece simbolicamente uma distinção social entre ambos¹⁵. Este último, apesar da maior estatura e força física comparado ao recruta, foi declarado incapaz de servir no Exército pelos oficiais, o que demonstra a falta de critério e as arbitrariedades no recrutamento.

No segundo plano, de dentro do quartel, um homem detrás da parede aponta com o dedo indicador na direção do homem pobre recrutado, momento que retrata os interesses dissimulados por trás das ordens para o recrutamento. A combinação da figura do homem dispensado do recrutamento em melhores condições de servir, do homem pobre recrutado sob o critério da vadiagem e da figura oculta do homem responsável

por decidir os aptos ou incapazes de servir produziu uma ácida crítica sobre os mandos e desmandos cometidos no recrutamento para atender os interesses das autoridades locais.

No decorrer da guerra, o aumento da demanda por recrutas para lutar no *front* impôs a convocação de membros das redes de clientelismo no âmbito local, o que gerou descontentamento nos senhores paulistanos e, em algumas vezes, na desobediência das ordens recebidas para a formação de corpos expedicionários. A tensão entre os poderes central e local foi contornada pela concessão de favores políticos aos senhores locais, cuja cooperação foi decisiva na causa da guerra. Na Argentina, durante todo o período de guerra, resistências federalistas regionais e a exaustão social para a causa militar provocaram motins e sublevações em diversas províncias, pondo em risco as operações bélicas e o próprio Estado centralizador de Mitre. Inclusive, nos últimos meses de 1866 e no início de 1867, a ameaça local se generalizou e o comandante em chefe argentino das Forças Aliadas foi obrigado a retirar-se junto com parte de suas tropas do *front* para neutralizar os focos de rebelião de seu país¹⁶. Portanto, além do Poder Militar do Exército paraguaio, os problemas internos das Forças aliadas provocados pela fraca identidade nacional de seus respectivos países inviabilizaram uma resposta rápida e resoluta no palco da guerra.

Dessa forma, a necessidade do governo provincial em cumprir a meta de soldados exigidos para compor as linhas de campanha provocou o descumprimento de algumas garantias constitucionais. As vantagens pecuniárias oferecidas para o alistamento dos cidadãos dos corpos extraordinários de Voluntários da Pátria não foram suficientes para mobilizar a população masculina¹⁷. A ausência de uma identidade nacional unitária enfraqueceu os laços de solidariedade e de cooperação necessários para o sucesso do recrutamento burocrático. A saída para a extração de recrutas foi o recrutamento forçado, principalmente de homens pobres, libertos, sem emprego ou desprovidos de proteção paternalista.



Figura 4 – “Cenas Liberais”

Fonte: *Diabo Coxo*, São Paulo, nº 11, 1865, ano II, p. 5¹⁸

Na Figura 4, Agostini retratou a chegada dos “voluntários involuntários” na capital paulista. Os homens acorrentados e algemados, vestidos com trajes simples, sugerem a origem modesta dos recrutas. A brutalidade e as ilegalidades cometidas no recrutamento excederam as atribuições do Estado e submeteram grande parte dos homens pobres livres às mesmas condições do escravo¹⁹. Para estabelecer essa relação entre recruta e escravo, a partir do contexto extraicônico e de suas implicações culturais, o caricaturista conscientemente desenhcou os recrutas descalços²⁰, com as mãos e os pés algemados, condição submetida a todos os cativos africanos e associada à sua posição servil.

Os recrutas percorriam longas distâncias até aquartelar-se, muitas vezes em condições degradantes de higiene. Após o treinamento, o trajeto até o *front* era ainda mais penoso. Os reforços militares chegavam às linhas de frente debilitados, seja por

doenças ou pelo cansaço da longa marcha e, de forma irônica, muitas baixas ocorriam sem o soldado ao menos visualizar o inimigo paraguaio. O deslocamento de tropas e cargas, por via fluvial ou terrestre, disseminava inúmeras doenças na região platina. A livre circulação de tropas imperiais nos portos uruguaios e argentinos contribuiu para a proliferação de epidemias, contágio responsável pela morte de milhares de civis e soldados, mesmo após o fim da guerra em 1870. A imagem de um país pestilento vinculada ao Brasil oitocentista pós-guerra apontava como as regiões litorâneas brasileiras sofriram de moléstias como, por exemplo, a febre amarela e a cólera, de forma endêmica e epidêmica. A transmissão de doenças provenientes do Brasil foi objeto de intenso debate na Argentina e no Uruguai e as medidas sanitárias adotadas estiveram associadas aos interesses políticos de cada Estado²¹.

A proliferação de doenças e as pesadas baixas por causa de epidemias nos acam-

pamentos paralisaram, por exemplo, as investidas militares dos aliados, onde um surto de cólera matou milhares de soldados e civis no início de 1867²². Contudo, a unificação no comando do Exército Brasileiro com a nomeação do Marquês de Caxias e a impossibilidade de penetrar nas trincheiras paraguaias contribuiu para deslocar o foco das operações para a preparação das tropas nos acampamentos. As condições insalubres das tropas nos pântanos paraguaios, as péssimas condições de higiene dos dormitórios e hospitais, a deficiente alimentação e o vestuário inadequado forneciam as condições necessárias para o surgimento e a propagação de doenças²³. Consciente desses problemas, Caxias dedicou seus esforços em melhorias estruturais em longo prazo para diminuir o número de vítimas no *front* por enfermidades²⁴.

Retomando a análise da caricatura, o contexto intraicônico do semblante dos recrutas transmite o estado de desânimo e tristeza dos futuros praças, contrapondo com os discursos ufanistas dos órgãos oficiais sobre os voluntários e a marcha para a guerra²⁵. A ausência de patriotismo nos recrutas suscitava uma percepção pessimista sobre o confronto bélico, formulada apenas nos riscos de vida e nos sofrimentos suscetíveis. Imbuídos por tal visão, os homens solteiros sujeitos ao recrutamento refugiavam-se no mato ou casavam-se para pleitear a dispensa militar.

De forma sutil, Agostini incorporou na marcha dos recrutas uma mulher, à frente dos homens acorrentados, com uma criança no colo. O longo vestido, o cabelo comprido e a forma afável que acaricia o bebê caracterizam a mulher como uma mãe, provavelmente a esposa de um dos recrutas capturados. O detalhe produzido no quadro denunciou dois problemas sofridos pela população pobre no período da Guerra do Paraguai: o recrutamento forçado de homens casados dispensados legalmente do serviço militar e a presença nas marchas de esposas incapazes de sobreviver sem o auxílio do marido²⁶.

Atrás dos recrutas, vários homens montados a cavalo, provavelmente capangas em busca de substitutos ou oficiais responsáveis pelo recrutamento, garantem o encaminha-

mento de novos soldados para o Exército. As “cenas liberais”, ironicamente sublinhadas na contradição entre a linguagem verbal e a visual, destacou a hipocrisia dos órgãos oficiais em adotar medidas e ações liberais ao retratar os homens livres caçados como escravos fugitivos ou indígenas no mato perseguidos por seus algozes. No segundo plano, o diabo personificou na legenda a opinião dos redatores sobre o episódio, taxando-a como um escândalo. Do alto de uma janela, em companhia do Sr. Thomaz, outro personagem fictício da revista, ele aponta e dá visibilidade aos problemas e aos “vícios” daquela sociedade. Novamente, o diabo observa e alerta as autoridades e a comunidade para aspectos imperceptíveis e ignorados do cotidiano paulista.

Os abusos do recrutamento e a opressão das autoridades sobre a população livre do Império foi tão criticado pelo *Diabo Coxo* que, na última caricatura do periódico, o discurso binário de guerra construído sobre a diferença entre “nós”/“eles” e “civilizados”/“selvagens” foi superado e uma ácida observação demonstrou a semelhança do governo “tirânico” de López e do Brasil.



Figura 5 – Os bárbaros paraguaios?

Fonte: *Diabo Coxo*, São Paulo, nº 12, 1865, ano II, p. 8²⁷

A contracapa, dividida em três quadros na Figura 5, ironizou na primeira cena o discurso dos aliados de uma guerra travada contra López para libertar o povo paraguaio

e dissipar as ameaças despóticas do líder nos países vizinhos. De um lado, as tropas imperiais marcham em direção à outra margem do rio representado como o Paraguai, onde é possível observar os castigos físicos e a opressão militar dos chefes paraguaios para manter os soldados em ordem. Porém, também o Exército “libertador” brasileiro estava sujeito aos mesmos abusos de poder, com suas tropas acorrentadas nos pés, mãos e pescoços. No fundo, um soldado é açoitado em um tronco, prática corriqueira nas Forças Armadas para castigar militares subalternos e técnica idêntica à punição empregada sobre a população escrava.

A presença de um homem negro entre os soldados acorrentados, figura quase inexistente nas produções imagéticas do *Diabo Coxo*, permite conjecturarmos como Agostini intencionou denunciar as ambiguidades existentes em uma sociedade escravista, auto representada como o lado civilizado da América na luta contra o “bárbaro” López. As correntes, as vestimentas simples e a falta de calçados dos soldados, os castigos físicos e o recrutamento forçado e de acordo com os interesses das elites locais desmoralizou o discurso oficial e denunciou os abusos cometidos nas relações de poder. A presença do negro e, respectivamente, da instituição escravista contradiz qualquer pretensão imperial de libertar algum povo, pois mantinha uma parcela da população como cativa e controlava os cidadãos pobres de forma semelhante aos escravos.

No quadro seguinte, a figura do negro fardado reapareceu na caricatura posicionado à frente dos demais recrutas, como se enfatizasse a condição servil da população pobre e livre do Império. Os demais soldados, enfileirados de forma desorganizada, de estatura, idade e condições físicas distintas, retomaram a crítica de Agostini sobre a fragilidade do Exército nacional e dos interesses particulares implícitos no momento do recrutamento. Ao lado do homem negro, um recruta sem a perna direita foi retratado com uma deficiência grave que o isentaria de servir as tropas nacionais. À sua esquerda, outro recruta representado de idade avançada, sem o uniforme militar e com chapéu de palha combinou a ideia do

recrutamento arbitrário e a incapacidade do Estado em fornecer as condições mínimas de vestuário. Em seguida, um soldado de estatura muito abaixo dos outros está uniformizado, porém, com a farda de tamanho exagerado realçado pelas mangas cobrindo suas mãos. O penúltimo soldado, também não fardado e com um chapéu de palha, teve sua altura sublinhada pelo contraste dos dois pequenos recrutas de cada lado. Sem exceção, todos os militares estão com a arma de fogo em posições dessincronizadas, não alinhados à rigidez militar de continência e descalços.

No último quadro da Figura 5, dividido em três partes, o diabo “oferece” soldadinhos de chumbo para alimentar a forte demanda por recrutas no decorrer da guerra, com milhares de baixas decorrentes dos combates e das enfermidades. Na segunda parte, a representação do burro, simbolicamente compreendido na revista como o “estúpido”, o “selvagem”, o “bárbaro”, o “conservador” e parte dos “notáveis” intelectuais e políticos alinhados às redes clientelistas da base conservadora, retratou a presença dessa personalidade à frente das operações militares. A contenda recebida nos “serviços para a pátria” demonstra o verdadeiro interesse por trás de sua participação na guerra, cobiça simbolicamente caracterizada pelos traços exagerados da cintura, com a representação do “barrigudo”, homem ganancioso e egoísta, apenas preocupado com o próprio umbigo.

Com isso, Agostini concentrou na caricatura dois fatores fundamentais para o apontamento do atraso na província: a violência das instituições e as decisões na esfera pública a partir dos interesses particulares de uma minoria abastada. Por fim, a coluna seguinte exhibe a despedida do leitor a partir do abraço dos dois personagens símbolos do periódico, o diabo e o Thomaz, formando a letra “a”, inicial do nome do caricaturista. A promessa de um retorno não foi cumprida. As críticas e as denúncias do *Diabo Coxo* sobre as arbitrariedades e os desmandos cometidos pelas autoridades locais no recrutamento para preservarem os seus interesses provocaram um alvoroço na pequena capital paulista. A pressão política e

as represálias comprometeram as finanças da revista, encerrada em 31 de dezembro de 1865, após a publicação do último número da segunda série.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, as publicações do semanário sobre a Guerra no Paraguai apoiaram o revide brasileiro, a exaltação de símbolos e de personalidades nacionais, o apelo ao alistamento e a exigência de resoluções imediatas ou eficazes para a defesa da Nação. As autoridades locais, principais alvos da fúria do *Diabo Coxo*, foram incessantemente cobradas e criticadas pelas medidas adotadas no decorrer da edição da segunda série, sem que isso compromettesse a colaboração da revista com os discursos nacionalistas propagados pelo imperador.

No *Diabo Coxo*, podemos pontuar algumas aproximações ideológicas com a facção liberal como, por exemplo, a laicização

do Estado e a forte crítica aos conservadores ou ao seu partido. Porém, a orientação e a opinião expressas no periódico não foram limitadas sob a ótica do Partido Liberal e a redação não eximiu os representantes envolvidos diretamente nas decisões políticas por meio dos gabinetes liberais. As opiniões expressas pautaram-se nos princípios morais dos redatores e o principal aspecto criticado foi o recrutamento forçado do governo central e local brasileiros.

O discurso nacionalista de D. Pedro II difundiu a concepção política sobre a vitória militar como a única forma de recuperar a honra ofendida com as invasões paraguaias de Mato Grosso e Rio Grande do Sul. A posição resoluta do monarca e a arrogância de López em reconhecer a derrota prolongou o conflito até a morte do presidente em Cerro Corá, sem que nenhuma iniciativa das Repúblicas do Pacífico, dos EUA e da Inglaterra para paz tivessem sucesso diplomaticamente²⁸.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luiz. F. de. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, Fernando (Org.). *História da vida privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2, p. 11-94.

CAGNIN, Antonio. Foi o Diabo! In: GAMA, Luiz; AGOSTINI, Angelo. *Diabo Coxo*. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 09-19.

CAMPOS, Alzira L. A.. População e sociedade em São Paulo no século XIX. In: PORTA, Paula (Org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade no Império (1823-1889)*. V. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 15-55.

CAPDEVILA, Luc. *Una guerra total: Paraguay, 1864-1870: ensayo da historia do tiempo presente*. Buenos Aires: SB, 2010.

CHAVES, C. L. Entre Montevideu e Rio de Janeiro: redes de conhecimento médico e epidemias na segunda metade do século XIX. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, v. 13, p. 37-59, jul./dez., 2012.

_____. Epidemias e quarentenas no Brasil e no Rio de Prata no século XIX. *Estudios Históricos*, Uruguai, v. 11, p. 01-28, 2013.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra*. 2. Ed. Buenos Aires: Emecé Editores, 2006.

_____. Tentativas de paz na Guerra do Paraguai. *Navigador*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 119-131, 2015.

GAMA, Luiz; AGOSTINI, Angelo. *Diabo Coxo*. São Paulo: EDUSP, 2005. 214 p. Edição fac-similar.

PIRES JÚNIOR, Arnaldo Lucas. Retratos da inalteridade: a animalização do inimigo no discurso gráfico da imprensa ilustrada durante a Guerra do Paraguai (1864-1870). *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 13, n. 1, p. 01-20, jan./jun., 2016.

PRADO, Maria Ligia C. O Brasil e a distante América do Sul. *Revista de História*, USP, São Paulo, v. 145, jul./dez., 2001, pg. 131-132.

NOTAS

¹ PRADO, Maria Ligia C. O Brasil e a distante América do Sul. *Revista de História*, USP, São Paulo, v. 145, jul./dez., 2001, pg. 131-132.

² CAPDEVILA, Luc. *Una guerra total: Paraguay, 1864-1870: ensayo da historia do tiempo presente*. Buenos Aires: SB, 2010, p. 36.

³ DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra*. 2. Ed. Buenos Aires: Emecé Editores, 2006, p. 261.

⁴ PIREZ JÚNIOR, Arnaldo Lucas. Retratos da inalteridade: a animalização do inimigo no discurso gráfico da imprensa ilustrada durante a Guerra do Paraguai (1864-1870). *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 13, n. 1, jan./jun., 2016, p. 03-04.

⁵ CAGNIN, Antonio. Foi o Diabol In: GAMA, Luiz; AGOSTINI, Angelo. *Diabo Coxo*. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 15.

⁶ CAPDEVILA, *Op. cit.*, p. 30.

⁷ Legenda (lado esquerda): "Um dia de cavaco". Legenda (lado direito): "DEFEZA NACIONAL. — Oh só Juca, esta bola não entra aqui. / — Também não temos polvora — nem somos artilheiros!".

⁸ Legenda: "Que defensor da Patria!!!".

⁹ O segundo e último ano da revista ilustrada paulistana foi publicado entre 23 de julho a 31 de dezembro de 1865, novamente com 12 números na série.

¹⁰ Na obra *Jaiá Garcia*, de Machado de Assis, os interesses materiais e particulares de grupos abastados foram dissimulados por meio dos discursos patrióticos na Guerra do Paraguai. A ascensão de cargos no Exército e as oportunidades comerciais para abastecer o conflito bélico aproximaram os "patriotas" a causa da guerra, visando satisfazer as suas ambições pessoais e, em um segundo momento, defender a nação da invasão paraguaia. Escrito em 1878, o romance discutiu como os valores patrióticos e a nação brasileira estava constituída de forma embrionária na década de 1860, com uma população mais interessada nos benefícios materiais proporcionados pelo envolvimento no conflito do que no bem-estar da Mãe-Pátria. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm04.pdf>. Acessado em: 5 jul. 2016.

¹¹ Legenda: " — Marche para o quartel snr. Malandro. / — Pelo amor de Deos sr.; leve antes aquelle surrão, que mofa do governo e da lei. / — Aquelle foi declarado incapaz de servir e v. me. não.

¹² Decreto nº 3.383, de 21 de janeiro de 1865. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3383-21-janeiro-1865-554522-publicacaooriginal-73146-pe.html>. Acessado em: 10 maio de 2016.

¹³ CAPDEVILA, *Op. cit.*, p. 36.

¹⁴ Segundo CAMPOS (2004, p. 20), entre 1850 e 1865, a casaca e o chapéu alto foram a moda da elite masculina paralelamente com o uso de fraque e sobrecasaca.

¹⁵ O vestuário como elemento diferenciador da posição social e da cultura do indivíduo foi explorado graficamente por Agostini no *Diabo Coxo* e, posteriormente, repetido no *Cabrião*. Vide ALVES, Antonio Tadeu de Miranda. *Retratos de caipira: construção de um estereótipo em Ângelo Agostini (1866-1872)*. 2007. 113 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007, p. 91.

¹⁶ DORATIOTO, *Op. cit.*, p. 238-239.

¹⁷ Os Voluntários da Pátria receberiam 300\$000 réis após darem baixa do Exército, teriam direito a 22.500 braças quadradas nas colônias militares ou agrícolas, além do soldo de soldado e de outros benefícios na ocupação de cargos públicos ou na promoção nos mesmos. In: Decreto n. 3.371, de 7 de janeiro de 1865. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3371-7-janeiro-1865-554492-publicacaooriginal-73111-pe.html>. Acessado em: 10 maio de 2016.

¹⁸ Legenda: "SCENAS LIBERAES. Entrada de recrutas na capital. Que escandalo!....".

¹⁹ DORATIOTO (2006, p. 132) demonstrou como esse tipo de recrutamento forçado e arbitrário não foi uma exceção do Brasil ao exemplificar o envio de recrutas da cidade de Córdoba amarrados um aos outros para evitar uma possível fuga em meados de 1865.

²⁰ ALENCASTRO, Luiz. F. de. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, Fernando (Org.). *História da vida privada no Brasil* – Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2, p. 79.

²¹ CHAVES, C. L. Entre Montevidéu e Rio de Janeiro: redes de conhecimento médico e epidemias na segunda metade do século XIX. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, v. 13, jul./dez., 2012, p. 56-57.

²² DORATIOTO, *Op. cit.*, p. 272.

²³ CHAVES, C. L. Epidemias e quarentenas no Brasil e no Rio da Prata no século XIX. *Estudios Históricos*, Uruguai, v. 11, 2013, p. 02.

²⁴ DORATIOTO, *Op. cit.*, p. 271.

²⁵ Inclusive, em uma caricatura, Agostini sintetizou as "principais armas do Brasil na guerra": livros de poesia e prosa, folhas jornalísticas áulicas e comentários pró-governista via comunicação oral. In: *Diabo Coxo*, São Paulo, n. 12, 1865, ano II, p. 4.

²⁶ A presença de mulheres brasileiras nas marchas e nos acampamentos foi comum durante a guerra. No Paraguai, apesar das mulheres oficialmente não participarem diretamente das batalhas, foi primordial a sua cooperação no esforço de guerra para a limpeza dos acampamentos, o fornecimento de alimentos, o tratamento de feridos e doentes, a distribuição de bens e escavação de novas trincheiras, conforme apontou CAPDEVILA (2010, p. 58-59).

²⁷ Legenda (quadro superior): "Barbaros paraguayos! Aqui vos trago uma cohorte de voluntarios para libertar-vos. Legenda (quadro do meio): "Specimen dos designados da Guarda Nacional". Legenda (quadro inferior): "O Diabo-Coxo oferece de festas ao governo um batalhão de soldadinhos de chumbo para auxilia-lo nas guerras do Sul. / A patria tanto serviu, Que a commenda conseguiu". / "O Diabo e o Thomaz despedem-se".

²⁸ DORATIOTO, Francisco. Tentativas de paz na Guerra do Paraguai. *Navigator*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 2015, p. 127.